

## GT 11: Antropologia das práticas esportivas e de lazer

### Educação esportiva como projeto social: uma análise do Instituto Guarani (São Luís – Ma)<sup>1</sup>

Juliana Lima de Carvalho Madeira<sup>2</sup>

Antonio Paulino de Sousa<sup>3</sup>

Este artigo é um desdobramento da minha pesquisa de mestrado sobre “As escolhas das escolinhas de futebol e a reprodução da desigualdade social em São Luís – MA” vinculada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, no âmbito da antropologia e sociologia do futebol. No desenrolar da pesquisa, que investiga a escolinha Grêmio Maranhense entrevistei um técnico que já trabalhou nessa referida escolinha e nessa conversa fui apresentada a um projeto social chamado “Instituto Guarani”, no bairro da Cohab, em São Luís. Esse técnico é um dos dirigentes e fundadores. Esse instituto tem como proposta principal ajudar jovens adolescentes para que eles não entrem e/ou não sigam no mundo da criminalidade. As atividades no futebol contribuiriam para a educação desses jovens, além de ser um meio no qual eles podem aprender técnicas esportivas e serem vistos por “olheiros” de outros times que podem investir na carreira deles como jogadores profissionais. A metodologia se deu através de uma entrevista *online* via aplicativo *zoom* no mês de novembro de 2021. Ao fim da conversa com o técnico se percebeu que o trabalho do Instituto Guarani tem sido um diferencial na vida desses jovens envolvidos no esporte, podendo ajudar a pensar o papel das instituições esportivas e na educação como fundamento de base para jovens.

**Palavras – Chave:** Instituto Guarani, Educação, Escolinha de futebol. Projeto Social.

### 1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo compreender como ações voltadas para a recreação e esporte como o futebol podem contribuir para a formação social do sujeito, dessa forma, se pretendeu aqui realizar uma breve discussão sobre o papel social do Instituto Guarani como um meio de socialização e educação através do esporte. O Instituto fica localizado no bairro da Cohab, em São Luís, capital maranhense.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Autora. Mestranda pelo Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, PPGCSOC – UFMA. E-mail: [madeira.juliana@discente.ufma.br](mailto:madeira.juliana@discente.ufma.br).

<sup>3</sup> Coautor. Professor titular da Universidade Federal do Maranhão pelo programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, PPGCSOC – UFMA. Doutor em Ciências Sociais pelo *Institut Catholique de Paris* (2002) e doutorado em Sociologia - *Université Paris Diderot* (2002). Pós doutorado na *Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines* (França). E-mail: [antonio.paulino@ufma.br](mailto:antonio.paulino@ufma.br)

A proposição deste artigo se deu a partir de uma entrevista realizada com um dos responsáveis pelo projeto social, vinculada à construção da minha pesquisa de mestrado, em andamento no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (PPGCSoc-UFMA), que tem por objetivo investigar as estratégias de reprodução social das famílias inseridas na escolinha Grêmio Maranhense, na qual o entrevistado já trabalhou, porém devido às informações relatadas pelo mesmo durante nossa conversa se referiam ao Instituto Guarani, um dos locais onde ele atua, a temática aqui começou a ser explorada por esse caminho.

A entrevista em questão aconteceu no dia 11 de novembro de 2021, de forma remota, via aplicativo *zoom*. O procedimento metodológico consistiu inicialmente em uma revisão da literatura, que já estava sendo praticada devido ao objeto e plano do meu trabalho dissertativo. Também foi utilizada uma entrevista semiestruturada com 12 perguntas, criada especificamente para dialogar com profissionais técnicos<sup>4</sup>. A partir dessa entrevista foi possível refletir como acontece o diálogo entre projetos sociais como esse e o poder público.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira apresenta uma revisão da literatura sobre “o papel do esporte e de projetos sociais como meios socioeducacionais”, abordando autores estudos e correntes teóricas mais relevantes, seja sob o olhar antropológico, sociológico e até mesmo pedagógico.

A segunda parte trata especificamente do Instituto Guarani a partir do olhar de um técnico profissional/colaborador. Nela, o agente narra o cotidiano do Instituto, a realidade das famílias que inserem seus adolescentes nesse projeto, bem como a motivação e/ou falta de motivação dos jogadores que ali estão, as dificuldades enfrentadas por falta de financiamento, os campeonatos que participam e como participam<sup>5</sup>, além de algumas histórias de sucesso de jogadores que saíram dali para jogar em times grandes que vão desde times maranhenses a times de outros estados e países. Contudo, há também narrativas de jogadores que se envolveram com a criminalidade e não voltaram ao projeto. Por fim, foram feitas reflexões acerca desses pontos citados.

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar aqui que tal questionário é um anexo da minha pesquisa dissertativa e que dependendo de como se encaminhava o diálogo foi se adaptando a perguntas que iam surgindo naquele momento e as que surgiram posteriormente. Essas novas dúvidas foram perguntadas e respondidas via conversas de *whatsapp*.

<sup>5</sup> Já que por serem um instituto e não uma escolinha, nem sempre podem participar com a camisa do Instituto Guarani.

## 2. O papel do esporte e de projetos sociais como meios socioeducacionais

No Brasil existem projetos sociais distribuídos ao longo de todo o país. Muitos deles contam com amplo apoio, tanto no seu aspecto de financiamento, quanto no contexto institucional, como colaboração em suas distintas atividades filantrópicas.

São incontáveis os projetos sociais existentes hoje no Brasil, patrocinados por instituições governamentais, empresas privadas, organizações não-governamentais (ONGs) ou organizações da sociedade civil (OSCIPs) visando atingir crianças e jovens, em especial aqueles das camadas mais pobres da população, algumas vezes classificados como “jovens em situação de risco social”. (GUEDES, DAVIES, RODRIGUES e SANTOS, p. 1, 2006).

Com a criação das ONGs, as suas atividades se tornaram intensificadas a partir da década de 1990”. (*apud* Landim, 2002). Ainda não existe um quadro geral que abrange todas as ONGs. Por conta disso, os estudos relacionados a elas acabam encobrendo apenas partes de suas origens e de seus modelos organizacionais. Com o passar dos anos essas Organizações foram pouco a pouco se tornando partes integrantes da sociedade brasileira, ganhando relevância nos variados meios sociais, sendo integradas nos tópicos de pesquisas em universidades que incentivam até mesmo a forma como elas podem ser desenvolvidas, criadas e orientadas, com amplo apoio de nossas mais prestigiadas instituições. (GUEDES, DAVIES, RODRIGUES e SANTOS, p. 1, 2006).

Para os autores, os projetos sociais que envolvem o futebol, geralmente estão voltados para beneficiarem os jovens e as crianças, basicamente, na maioria das vezes, o enfoque é dado para projetos infanto-juvenis, como principal atenção de planejamento.

São, em muitos casos, estratégia exclusiva enquanto, em outros casos, atividades esportivas aparecem associadas a atividades profissionalizantes ou atividades extensivas ou complementares à escolarização formal. (GUEDES, DAVIES, RODRIGUES e SANTOS, p. 2).

A importância dada a esses conjuntos de atividades esportivas e aprendizado das regras de jogo, se deve tanto a sua função de serem uma prática corporal institucionalizada e estritamente regulamentada, cujos meios de “práticas pedagógicas disciplinadoras” também podem ser transmissoras de “práticas físico-moral”, propagando ensinamentos de valores e introduzindo um conjunto de significados a serem compartilhados. (GUEDES, DAVIES, RODRIGUES e SANTOS, 2006).

Em *Como podemos ser desportistas?* Bourdieu descreve sobre as práticas esportivas sob a ótica do sociólogo, averiguando como essas práticas se encontram distribuídas em formas estatísticas a “nível de instrução, idade, sexo, profissão” (Bourdieu, 2019, p.165) e em meio a uma análise do social. Assim, seu trabalho analítico vem a tratar da busca por esportes enquanto conjunto de práticas e como demanda dos produtos esportivos, levando em relevância os agentes sociais, que esportes mais procuram, em que época da vida mais procuram e o universo do consumo eles pertencem. Em segundo lugar, quais são as condições sociais do que praticam determinados esportes? Em suma, “como se produz a demanda por produtos esportivos? Como as pessoas adquirem o ‘gosto’ pelo esporte?” justamente por um determinado esporte mais do que por outro, “seja como prática ou como espetáculo” (BOURDIEU, 2019, p.166).

Bourdieu (2019) considera importante que para entender sobre essas questões é essencial que interroguemos sobre em que contextos e fenômenos sociais a sociedade e o dito “esporte moderno” estão passando, pois só assim poderemos investigar em que situação político-social se encontra o sistema de instituições e agentes sociais atrelados ao campo das práticas esportivas. Ou seja, os trabalhadores que ficam envolvidos no cuidado pelos equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc. e o de serviços necessários à prática do referido esporte (empresários, professores, médicos desportistas, jornalistas desportivos, etc.) bem como os produtores dos espetáculos desportivos (vendedores de ingressos e bens associados). (BOURDIEU, 2019, p.166).

Por isso, também se faz necessário questionar sobre o campo de concorrência onde esses agentes estão atrelados e acerca da posição destes, como eles chegaram a esse ambiente social. Essa visão a partir de Bourdieu corroborou a refletir sobre o Instituto Guarani, pensando como ele foi criado, a partir de quem, como o futebol entrou na vida tanto dos organizadores do projeto social como com as famílias ali relacionadas.

Usando da percepção Bourdieusiana para explicar o campo das práticas esportivas, se torna mais viável investigar o âmbito das escolinhas de futebol, compreendendo como esse campo (das práticas esportivas) se constitui a partir de uma filosofia política do esporte, e como tal, pode ser capaz de desenvolver formas de educação e liderança naqueles que o praticam, pois: “o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ‘formar o caráter’ e inculcar a vontade de vencer (*“will to win”*), que é a marca dos verdadeiros chefes. Mas, uma vontade de vencer

seguindo as regras - é o *fair-play*”. (BOURDIEU, 2019, p.170). Assim, se percebe que há uma ideia moral intrinsecamente ligada ao esporte na Era Moderna.

O esporte é visto como: “o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva”(BOURDIEU, 1986, p.172) que acaba por se tornar: um espetáculo e campo de poder, permeado de cobranças, onde há disputas que vão desde o ego - de saber quem é o melhor em campo até os diversos *habitus e disposições* que envolvem seus estilos de vida, a preocupação com o corpo (pedagogia corporal) e legitimação do sucesso da prática esportiva enquanto meio de (re) socialização (pedagogia moral) e uma tentativa de ascensão social.

Bourdieu (2019) também descreve como o esporte faz parte da Sociologia do Consumo, pois há um encontro entre a oferta a demanda, que se referem “às expectativas, interesses e os valores dos potenciais praticantes, sendo a evolução das práticas e dos consumos reais o resultado da confrontação e do ajuste permanentes entre um e outro.” (BOURDIEU, 2019, p.179). Ou seja, há um mercado muito forte de “produção de jogadores” e que estes devem observar o campo esportivo, a distribuição de classes sociais e os moldes de sua época, pontos estes que estão atrelados ao *habitus* da vida social desses indivíduos - (o modo como cuidam de seus corpos e até mesmo uma questão de linguagem – forma de falar, de se expressar), que se observa também de que meio social faz parte esse indivíduo.

Em *Programa para uma sociologia do Esporte*, texto de 1990, presente na obra “Coisas Ditas”, Bourdieu (2004) volta a explicar isso, que:

para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Este pode ser construído a partir de conjuntos de indicadores, como, de um lado, a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, etc., ou, de outro lado, o tipo de relação com o corpo que ele favorece ou exige, conforme implique um contato direto, um corpo-a-corpo, como a luta ou o rúgbi, ou, ao contrário, exclua qualquer contato, como o golfe, ou só o autorize por bola interposta, como o tênis, ou por intermédio de instrumentos, como a esgrima. Em seguida, é preciso relacionar esse espaço de esportes como o espaço social que se manifesta nele. (BOURDIEU, 1990, p.208).

Desse modo, é importante observar o espaço social do esporte na vida das pessoas, o que as leva a escolha por determinado esporte que acaba por legitimar o *status* social

tanto do próprio esporte quanto de quem o pratica, pois o universo dos esportes está inserido num universo de práticas e consumos que se encontram estruturados e constituídos em um sistema de práticas esportivas como um lugar de forças, já que o local desse determinado esporte e dessas pessoas diz muito sobre a posição social e classe social de quem o pratica.

Em suma, a partir de Bourdieu (2004, 2019) podemos pensar como o esporte é um espaço social cheio de disposições (do próprio *habitus*) dentro de um sistema de consumos atrelado à lei da *procura* bem como está relacionado às posições sociais, classes sociais de seus praticantes – lei da *oferta*. (BOURDIEU, 2004, p. 214). Isso ajuda a pensar em que classes sociais se encontram as pessoas que procuram o Instituto Guarani.

Tanto na obra “Vigiar e Punir”, como também na “Microfísica do Poder”, de Michel Foucault, o pensamento colabora com o de Bourdieu, em relação ao campo de poder sistematizado e estipulado dentro dos esportes, não escapando da ordem pré-estabelecida pelas formações institucionais e sociais que detém sobre os corpos dos indivíduos.

A modalidade, enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (FOUCAULT, p.133, 2009).

Desse modo, as atividades esportivas são elementos de reforço legitimados e de cunho disciplinadores no intuito de fornecerem suporte para os modelos de ensino/educação no âmbito nacional, já que são constituídas dessa maneira. Elas seguem também os mesmos requisitos e moldes do padrão pedagógico que teve todo o país, assim, estas são reproduções auxiliares da educação formal. (FOUCAULT, 2009; BOURDIEU, 2004, 2019).

Para Bracht (1986), o modelo que coordena a educação física é separado em dois tipos: 1) as que tendem a uma visão “biológica” entre os profissionais para o enfoque entre os indivíduos. Dessa forma, a finalidade é melhorar e potencializar as respectivas condições biofísicas e, indiretamente, melhorar o desenvolvimento social dos alunos-

atletas; 2) a visão que vincula e amplia a progressão das capacidades físicas, combinadas com o desenvolvimento psicológico, o qual, o autor o nomeia e o define como um modelo biopsicológico. Neste tipo de procedimento se ressalta a alta capacidade de controle emocional e a promoção das faculdades intelectuais em detrimento ao primeiro tipo descrito. (BRACHT, 1986).

Bracht (1986) explica que esses comportamentos usuais que refletem na formação dos sujeitos realçam posturas negativas, habituais de uma sociedade autoritária. Isto também perpassa para o ensino dos desportos, transferindo-se a nível escolar negativamente. Oficializadas nas grandes instituições, as regras condicionadas, conseqüentemente não dão margem para a reflexão e o questionamento dessas estruturas pré-estabelecidas, levando ao conformismo em seu âmbito e ao respeito exaltado de jogos que são essencialmente manifestações dos próprios jogos praticados no sistema capitalista, nas suas relações sociais. “Neste sentido, a tarefa que se impõe parece-nos ser a de desenvolver uma pedagogia desportiva que possibilite aos indivíduos pertencentes à classe dominada, aos oprimidos, o acesso a uma cultura esportiva desmistificada.” (BRACHT, p.66).

Em suma, Bracht (1987) através de um viés teórico marxista intencionou entender as concepções dominantes que dominam a área da educação física como um todo. Mostra também o processo socializante, visto aqui, como mera forma de controle social. Para este autor, apesar das críticas, o texto descreve a existência das constituições da área, abarcando conjuntamente todo o campo das contradições pertencentes a nossa realidade, essencialmente ao sistema capitalista que a pauta e que a estrutura da forma como ela se encontra. Por último, o texto objetiva agregar nas discussões temáticas, contribuindo para transformações sociais, que aproximem a educação física dos valores “de uma sociedade mais justa e livre”. (BRACHT, 1986).

### **3. O Instituto Guarani: um meio de educação social através do Futebol**

Esse Instituto nasceu de um clube de bairro que foi criado em 1989 e intitulado como: “Agremiação Guarani Esporte Clube”, no bairro Cohab – Anil, na cidade de São Luís e depois, no ano de 1998 recebeu o nome “Instituto Guarani”. Atualmente permanece

no mesmo bairro e treina no Centro Social Urbano, mais conhecido como “CSU-Cohab”. O campo utilizado para os treinos é uma área cedida do Corpo de Bombeiros dessa região.

Durante a entrevista que tinha como proposta investigar sobre o Grêmio Maranhense<sup>6</sup>, o entrevistado<sup>7</sup> apresenta o Instituto Guarani, que é um projeto social de futebol que tem como proposta corroborar com a educação moral e social de jovens moradores do bairro Cohab – Anil, na cidade de São Luís.

Primeiro foi solicitado que ele se apresentasse. O entrevistado falou seu nome completo e em seguida descreveu sua formação, trabalho e projetos:

[...] sou técnico de futebol, sou professor de educação física, sou licenciado pela CBF. Hoje sou licenciado também e membro da primeira turma reconhecida pelo MEC como técnico profissional de futebol pela Universidade de Tecnologia do Paraná. Aqui no Maranhão já trabalhei em alguns clubes como Moto (clube), Cruzeiro do Anil, no Guarani (que hoje faço parte novamente, agora como vice presidente, estou trabalhando com o sub-19. Na verdade, hoje começamos a trabalhar em um projeto novo, com a categoria sub 23. Vou atuar em algumas competições). Fui professor de algumas escolas, mas resolvi migrar *pro* futebol porque era minha área. Eu já fui jogador de futebol e como sou técnico de futebol resolvi dar continuidade nessa carreira. Então, para direcionar resolvi ficar exclusivamente com o futebol. Sou estudante novamente na minha segunda graduação do primeiro curso universitário formador de técnicos profissionais de futebol, também pela Universidade de Tecnologia do Paraná, que inclusive têm alguns membros europeus que fazem parte dessa turma; como é a primeira do Brasil, têm algumas matérias que vão ser lecionadas por alguns europeus, já estamos tendo, né? E isso despertou uma certa curiosidade do pessoal de fora devido a essa matéria não estar fazendo parte do quadro da CBF, isso chama um pouco mais a atenção do pessoal de fora que é nível UEFA, que é quem administra o futebol europeu. Em relação a projetos sociais já fiz parte de um projeto social no São Francisco e faço parte de um projeto social que é justamente nessa escolinha onde trabalho. Nós não cobramos a escolinha, fazemos 100% gratuita, ressocializamos algumas pessoas que já foram detentos, damos alguma oportunidade para alguns universitários que estão estagiando ou que querem atuar na área do futebol ou até na própria área da educação física como bacharéis em educação física que precisam pegar matérias na área da preparação física, nós damos oportunidade, até vinculamos com uma universidade agora que foi a Pitágoras que tem até um membro estagiário lá, eu sou coordenador dele. Então é isso, projeto social é o que mais me deixa satisfeito em fazer, apesar da profissão exigir um pouco mais, porque a gente sempre precisa do retorno financeiro pra poder se sustentar, né, mas o projeto social, a gente sempre abre mão de qualquer outra coisa pra poder dar continuidade. (Entrevistado, 2021).

Ele relatou também que exerce esse tipo de trabalho social há mais ou menos 10 anos, atuando nessa área de treinador desde quando ele não deu continuidade na carreira

---

<sup>6</sup> Clube que está sendo investigado na minha dissertação de mestrado.

<sup>7</sup> Durante todo o trabalho faço referência ao educador físico e técnico futebolístico como “o entrevistado” para que seja preservada a sua identidade.



profissional de jogador e começou a atuar na área de auxiliar técnico de clube, depois foi se qualificando e isso já tem mais ou menos uns 20, 22, 23 anos trabalhando na área do futebol. Agora na área social, ele já atua há uns 10 anos, 10 ou 11 anos, mais precisamente 11 anos. (entrevistado, 2021).

De acordo com a descrição do entrevistado sobre o Instituto Guarani, este projeto estaria mais inclinado a ser uma espécie de Organização Não – Governamental (ONG) devido à sua colaboração social e ao fato de não cobrar mensalidade às famílias de seus jogadores e não receber ajuda de órgãos públicos, assim os colaboradores enquanto grupo mantém os gastos através dos seus empregos em outros locais e colaborações genuínas de pessoas físicas que não queiram ganhar publicidade por colaborar com o projeto.

Se formos analisar o conceito de ONG através da psicóloga Thereza Montenegro (1994), no seu livro “O que é ONG?”, publicado pela editora Brasiliense no ano de 1994,

ONGs são ‘um tipo particular de organizações que não dependem nem econômica nem institucionalmente do Estado, que se dedicam a tarefas de promoção social, educação, comunicação e investigação/experimentação, sem fins lucrativos e cujo objetivo final é a melhoria da qualidade de vida dos setores mais oprimidos. (MONTENEGRO, 1994, p. 10-11).

Ou seja, são entidades sociais sem fins lucrativos que visam atender determinado serviço para a sociedade. Nestes serviços se encontram projetos sociais distintos que podem ser executados tanto por órgãos públicos quanto privados. No caso aqui em questão, o Instituto Guarani é um projeto de Inclusão Social voltado ao esporte, promovendo oportunidades concretas para que se reverta muitas desigualdades sociais e que corrobore com a ajuda necessária a muitas pessoas que vivem em situação de miséria e cercados por criminalidade. (MONTENEGRO, 1994).

O Instituto desde sua fundação tem como propósito educar jovens moradores dessa região socioespacial de baixa renda, a partir do esporte futebol e sem cobrar nenhum valor aos jogadores envolvidos:

**Entrevistadora: - No caso do Guarani, os jogadores quando entram no clube pagam alguma mensalidade?**

Não. Nós não cobramos. Nós somos a única escolinha daqui de São Luís do Maranhão que não cobra nada do atleta. É 100% gratuito. Algumas escolinhas cobram alguma taxa ou tem ajuda da própria SEDEL, que é a Secretaria de Desporte e Lazer, né? Através de salários, mas nós não. Somos um Instituto porque é desvinculado da política e não se cobra nada, 100% gratuito. Nada, nada, nada! (entrevistado, 2021).

**Entrevistadora: - Só o fardamento?**

Só fardamento que é a única coisa porque eles pagam diretamente a malharia que faz, né? Até pra manter o padrão, pra ser reconhecido na rua, pra não ser confundido com marginais, então a gente criou essa forma de eles andarem sempre uniformizados para serem identificados, mas isso é a custo deles, eles mesmo que custeiam esse uniforme, até porque vai ser de propriedade deles. (entrevistado, 2021).

Como mencionado aqui, apenas o fardamento do Instituto é pago pelos atletas, como forma de destacar a marca e para que os atletas sejam reconhecidos fazendo parte de um projeto social sem fins lucrativos, o que permite acesso aberto para qualquer jovem que deseja praticar futebol em uma instituição que acaba por agir como uma espécie de “escolinha” sob o olhar de profissionais qualificados.

O Instituto não possui relações com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e nem com a Federação Maranhense de Futebol (FMF). Já com os clubes, o Instituto Guarani realiza diálogos abertos e parcerias, apresentando times, jogadores, compartilhando parte do seu plantel para disputar campeonatos da FMF, de modo federado ou seja, a marca dos clubes cede o uso de sua camisa nas competições, para que os jogadores do Instituto possam utilizar em alguns jogos. Assim esses jovens podem ser avaliados e divulgados para clubes profissionais de futebol.

É bom se esclarecer que o Instituto Guarani tem a sua marca legitimada, registrada, tendo até CNPJ. Em outras competições, utilizam a camisa do próprio Guarani, o Instituto, tais como a Copinha de São Paulo. A intenção de disputarem esses campeonatos é para que os meninos sejam percebidos por olheiros e dirigentes técnicos, sendo uma ótima opção para o mercado de futebol. É importante destacar que o Instituto Guarani não é uma escolinha vinculada ao Guarani Futebol Clube, do estado de São Paulo, pois eles teriam mais gastos:

Não. Ele não é vinculado. O Instituto é um projeto social. Não é Escolinha de Futebol. Geralmente quando se usa a marca do Clube passa a ser Escolinha de Futebol, mas eles cobram porque o clube também cobra sua franquia né? para *tu* entender bem como é que funciona a situação: Pra nós usarmos a marca “Guarani Esporte Clube”, que é o clube de futebol de São Paulo, da cidade de Campinas, nós temos que pagar uma franquia para eles, pra utilizar a marca. Essa franquia hoje está estipulada no valor de R\$ 5.000,00 anuais né? Era cinco mil. Eu não sei quanto é que *tá* hoje. Até ano passado era cinco mil. Eles dividem e fazem o parcelamento em até quatro vezes ou cinco vezes dependendo do acordo que se faça com eles, mas você passa a utilizar a marca, você passa a utilizar o símbolo deles, não o nosso (e mostra o símbolo da camisa do Instituto). - Esse daqui é o símbolo do Instituto Guarani. Entendeu? O deles, já vai utilizar o uniforme com o símbolo do Guarani Esporte Clube, aí você passa a utilizar o uniforme padrão deles, eles criam um padrão para você utilizar e eles te oferecem algum benefício. Uma vez por ano você pode

levar um atleta para ser avaliado no clube, como é feito pelo Grêmio de Porto Alegre; as escolinhas que estão vinculadas a ele vão lá para disputar uma competição lá que eles criam no final do ano e disponibilizam também um avaliador para vir para cá outra época do ano na cidade onde fica a escolinha. Então eles te dão algum benefício, mas fora isso o benefício é só essa questão avaliativa né? oportunizando com que os atletas sejam avaliados pelo próprio clube e vincular ao clube, ficar, ficar como membro da equipe. Fora isso não há benefício, é só despesa. Por isso é que eles cobram, né? E pra manter uma despesa dessa alta, eles têm que criar uma escolinha de futebol, aí passa a particularizar as escolinhas e com isso, eles cobram, né o valor de x. Por exemplo, quando eu trabalhei lá com o Miguel lá no Grêmio a mensalidade era R\$ 100,00. Era R\$ 100 e você tinha direito ao uniforme e passava a para pagar uma mensalidade de R\$ 100 reais, entendeu? esse valor era pra ele custear o aluguel da quadra, as despesas que ele tinha no dia-a-dia e pagar salário de alguns treinadores, alguns professores né? pagar o salário dos professores que trabalhavam no clube e manter a franquia anual, né? Por isso que se cobram em todas essas escolinhas particulares. (Entrevistado, 2021).

Até o momento da entrevista o Instituto Guarani possuía — cerca de 180 a 190 atletas incorporados no projeto. Estão envolvidos no trabalho tático/ técnico do Instituto cinco pessoas, sendo, dois profissionais formados em Educação física (ele e mais outro), um estagiário, o fundador do projeto, que também é presidente e mais um treinador, que está no ramo do futebol há muito tempo (entrevistado, 2021).

Para encobrir tudo, em termos financeiros e de suporte organizacional, administrando todos problemas e planejamentos, o Instituto Guarani realiza uma tarefa árdua.

É. Aí, imagina a despesa diária que tem! Com água, com gelo. Nós levamos água, levamos gelo, transporte pra um ou dois que não têm. É! E sempre vai surgindo alguma coisa ou outra, uma copa que tem que inscrever. Inscrição de 600 reais, 700 reais pra disputar uma competição, daí você tira como é que é. (entrevistado, 2021).

O sacrifício pessoal, familiar e profissional que apenas cinco pessoas realizam na vida de tantos indivíduos, os ajudando a terem uma nova perspectiva de vida e ampliando suas visões de mundo, de futuro, são realmente desafiantes. Enquanto a isso, foi indagado sobre o que permeava às condições de existência desse projeto, como sua principal fundamentação objetiva, naquilo que é o foco e a finalidade que justifica toda a implementação do projeto para jovens em situações de vidas em risco, por viverem em locais distantes e perigosos. Como afirma o entrevistado (2021):

Na verdade, assim, eu digo que são dois objetivos principais. O primeiro é: formar cidadãos, porque esse daí é nosso lema diário. Não deu atleta? Não vingou como profissional de outra área? Mas, a gente cria um caráter naquele cidadão. Então nós formamos o cidadão. O objetivo principal é esse. E como é uma *escola* de futebol, não é escolinha de futebol, é um projeto social que nós treinamos para o futebol, nós preparamos para o futebol e temos

profissionais capacitados para isso, automaticamente a gente oportuniza eles para serem atletas profissionais ou terem uma chance em outros clubes de fora do Maranhão, que é o que pode dar um retorno financeiro pra eles, pros próprios atletas, entendeu? Mas, 100% social. (entrevistado, 2021).

**E dessa época pra cá o que você percebe que mudou, tanto no aspecto da função dos jogadores dentro do clube como nas famílias envolvidas?**

A mudança a gente só percebe quando é na família, né? no clube, as mudanças são pra piores, porque a cada dia que passa mais dificuldades a gente vem enfrentando. Antigamente você tinha uma situação financeira melhor, né? você conseguia fazer um pouquinho mais: pagar uma passagem de atleta *pra* ser avaliado em algum clube, mas hoje em dia devido a algumas situações que nós vemos que está acontecendo no dia-a-dia, na atualidade, as dificuldades surgiram, então piorou tanto pra família quanto *pra* gente. Agora a mudança quanto ao comportamento, isso é notável. Isso daí, quando ele tá 100% interessado, a gente já vê a mudança no comportamento. Ele já passa a ver a possibilidade de fazer um curso, de ter um bom emprego, visualizando porque a gente sempre diz: “olha, vocês têm que ter uma profissão! Têm que estudar, têm que se qualificar profissionalmente *pra* migrar *pra* outra área, caso não dê certo no futebol, entendeu? Então, é a formação do cidadão! É a formação do cidadão! E isso daí sempre vai acontecer. Prós e contras sempre surgirão. As mudanças familiares só *pro* benefício do próprio envolvido, que é o aluno, é o atleta. E a nossa mudança é a dificuldade do dia - a -dia que *surgiram* mais, né? (entrevistado, 2021).

É interessante que a principal prioridade é formar o valor de cidadania daqueles jovens indivíduos, antecedendo a capacitação profissionalizante e desportiva que as práticas do futebol podem exercer e oferecer, encaminhando para outros tipos de oportunidades empregatícias neste meio. E por isso, no projeto eles fiscalizam como os jogadores estão nos estudos, se não eles não participam dos jogos, como o entrevistado relata a seguir:

Não continua não, não disputa campeonato, não é convocado nesse determinado final de semana. Quando é semana de prova eles são dispensados, a gente dá um jeito de adiar a partida deles *pra* outra semana, entendeu? então sempre, sempre, sempre, a primeira exigência é a escola. Como tem outros alunos mais velhos que são maiores de idade, a gente sempre exige que a pessoa não esteja vinculado com criminalidade, entendeu? apesar de não ter como você controlar, né? é uma coisa que sai do nossos olhos, cabe aos pais serem responsáveis, né? Aí quando os pais também não têm responsabilidade, aí fica mais difícil e os atletas quando começam a chegar nessa idade da adolescência e atinge a maioridade aí mesmo fica mais complicado, porque eles têm que querer mesmo, têm que ter força de vontade. Se não tiver... a oportunidade a gente dá pra eles, mas se não tiver vontade, infelizmente a gente pode perder eles pra criminalidade, né? infelizmente. (entrevistado, 2021).

O próprio entrevistado demonstra que são completamente realistas e francos com os meninos, explicando que a vida em si depende de muitas variáveis e a concretização do sucesso futebolístico pode ser bem frustrante ou raro, mas o mais importante é que os atletas envolvidos no instituto busquem objetivos de profissionalização e especialização

em qualquer área, nunca esquecendo da formação do cidadão esculpido pelos valores disciplinares que o instituto repassa para eles.

A partir da leitura de (Guedes, et al, 2006) e de algumas falas do entrevistado, é possível refletir que em algum momento ou outro, alguns dos participantes acabam se autossabotando ao agirem de maneira mais displicente, barrando suas potencialidades em detrimento de fatores como os de indisciplina, assiduidade ou até mesmo motivados por preguiça. Fatores negativos que afastam garotos desses projetos são importantes de serem mencionados e conferidos, uma vez que todos os aspectos podem ser remediados através de outros tipos de medidas e de apoio que incentivem que os adeptos continuem nos projetos, e primordialmente, visualizem a importância de praticarem atividades e buscarem se instruírem, mesmo que a curto prazo, não consigam enxergar resultado tão favoráveis para si mesmos. (GUEDES, DAVIES, RODRIGUES e SANTOS, 2006).

Nesses tipos de projetos sociais é permitido dividir o espaço das atividades esportivas com o aconselhamento instrutivo, se fazendo um duplo trabalho. No entanto, aparentemente, há uma preocupação quanto ao desenvolvimento dos alunos e atletas que constam nestes projetos referentes às posturas que tomam com os compromissos de realizarem às atividades esportivas e/ou pedagógicas propostas pelos projetos sociais. (GUEDES, DAVIES, RODRIGUES e SANTOS, 2006).

Numa região como a do estado do Maranhão, onde as oportunidades de ascensão social, principalmente para jovens de periferia, são bastante pequenas, quando existe uma chance de atividades esportivas, que junta o útil (a aprendizagem de profissionalização) ao agradável (o prazer de participar de práticas esportivas), se torna mais fácil direcionar jovens para meios mais produtivos, comprometidos e responsáveis. O que pode ser visto para alguns, como uma pequena forma de entretenimento, para outros, significa uma questão de sobrevivência.

#### **4. Considerações Finais**

Os projetos de inclusão social esportivos como o do Instituto Guarani precisam de amplo apoio das políticas públicas nacionais, de investimento privado, e principalmente, contar com a solidariedade de comunidades, para que seja melhor aproveitado socialmente e no caso em questão, que jovens estejam a cada vez mais distanciados do crime.

Para que haja êxito a parceria de Instituições educativas seria de grande contribuição, dando coberturas para projetos sociais, como as do esporte, para que as práticas de ensino pedagógico e as técnicas de aprendizagem corporais não sejam excludentes, mas conciliatórias, capazes de dar sentido à vida de tantos indivíduos, os ajudando a terem uma maior perspectiva de carreira para suas existências.

Também é crucial que se dê mais relevância para o campo esportivo, no mundo social e individual dos seres humanos. Principalmente, das pesquisas por parte das instituições públicas e científicas. Quanto ao estudo, se percebe que o esporte atrelado aos valores educativos pode ser utilizado para diminuir a desigualdade social, levando para as comunidades menos favorecidas, capacitação profissionalizante e de escape à vida sofrida e violenta que se é vivida nestas comunidades.

Os projetos de inclusão social são um investimento importante não aplicados unicamente para fins econômicos, mas humanitários. Esse reforço possibilita trazer os jovens para às escolas, resgatar vidas e reconectar comunitárias inteiras, pelos laços que os projetos sociais apresentam e geram.

Um outro aspecto importante observado na entrevista do Instituto Guarani é que foi quando o entrevistado revelou que faz anotações gerais sobre quem participa, quem deixa os projetos, quem foi para determinado clube, trabalha em determinado lugar, onde se encontram em suas trajetórias de vida após deixarem o Instituto. É relevante, porque muitos projetos sociais e muitas políticas públicas não são transparentes suficientemente ou fornecem muita pouca informação sobre os impactos socioculturais que a implantação de certos tipos de projetos causa na vida das pessoas. O registro contínuo e estatísticas comparativas durante anos podem ser utilizados para fazer grandes observações e melhorias para que essas atividades conjuntas sejam cada vez melhores e proporcionem com dados reais aplicações de correções necessárias e preservarem permanentemente os pontos bem sucedidos nestes projetos, que vão muito além de uma política de governo, mas sim, de uma política de Estado de cunho Nacional.

## **5. Referências**

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo? In: \_\_\_\_\_ *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOURDIEU, Pierre. “Programa para uma sociologia do esporte”. In: \_\_\_\_\_ **Coisas Ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. - São Paulo: Brasiliense, 2004. Título original: *Choses dites*. 1ª reimpr. da 1. ed. 1990.

BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo capitalista. 1986. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 7 (2) 62-68. 1986. Disponível em: <https://sitealanrocha.files.wordpress.com/2009/07/a-crianca-que-pratica-esporte.pdf>.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** / Michel Foucault; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhe. 36. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

GUEDES, Simone Lahud, DAVIES, Júlio D’Angelo, RODRIGUES, Michelle Antunes, SANTOS, Rafael Medeiros. **Projetos Sociais Esportivos: notas de pesquisa**. 2006. ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

MONTENEGRO, Thereza, **O Que é ONG?** Brasiliense, 1994.